

Pesquisa

HISTÓRIA NO TEMPO PRESENTE: NAZISMO

Por Jessica Corais

O jeito de ver e escrever História vem mudando ao longo dos anos. Entender que todos nós somos agentes da história é cada vez mais aproximado para um contexto historiográfico, e o historiador passa então a não ser apenas aquele que dialoga com livros, ele passa a dialogar com gente e com fatos.

Esta coluna "História no tempo presente" tem como objetivo apresentar os fatos através da ótica daqueles que, de alguma forma, estão envolvidos com diversos acontecimentos da história mundial. É passado e futuro se misturando entre si e trazendo a tona o presente...

No dia 30 de abril de 1945 morria em Berlim um dos maiores ditadores de todos os tempos, Adolf Hitler. O que seria da Alemanha, dos países envolvidos com o nazismo e das gerações futuras pouco se sabia.

Hoje, 67 anos depois, a Gnarus - Revista de História, faz uma viagem até alguns países que participaram diretamente do nazismo e apresenta relatos de alguns daqueles que de alguma forma ainda o vivem.

O Sobrevivente

Como seria para um menino de 13 anos se ver arrancado de sua casa pelo exército nazista e ir para Muhlendorf, um dos mais temidos campos de concentração, junto com 20 membros de sua família? Stephen Nasser viveu exatamente esta experiência.

Nascido em Budapeste, Hungria, Nasser hoje reside nos Estados Unidos e é o autor do famoso livro "My brother's voice". Quem o vê comemorando no dia 8 de agosto em Las Vegas o "Stephen Nasser Day", uma homenagem da prefeitura da cidade a ele por ter partilhado sua história de vida para o mundo, se lembra de alguns momentos de sua dolorosa infância. Viu seu primo Peter, ainda bebê, e sua mãe Bozsi morrerem, além de seu irmão, Andris, acabar dando os últimos suspiros em seus braços, em Muhlendorf.

"É difícil imaginar (como era um campo de concentração), mesmo em seu pior pesadelo. Cada dia

era um desafio para sobreviver. Sobrevivi pela força do amor entre mim e meu irmão e da minha determinação para continuar promessa que dei para o meu irmão. Os nazistas me controlavam fisicamente, mas mentalmente, não podiam me tocar. Apesar dos espancamentos ou fome. Em um ponto Deus se tornou meu melhor amigo. Eu mudei a minha atitude. Toda manhã eu acordava num pesadelo, onde não podia controlar. Mas à noite todos os meus pensamentos estavam nas memórias da minha família e na vida boa. Eu continuei a acreditar quando acordei. Foi apenas um pesadelo. Quando eu caía no sono, era para mim, a realidade. E era um prisioneiro em tempo parcial",

"Ele foi julgado por milhares de anos e está no lugar que merece: no inferno"

declara.

Nasser também contou como era sua vida antes do nazismo: "Nós éramos uma família muito unida. Meus avós, e depois seguido por meus pais, tinham uma loja de jóias desde 1875, eles trabalharam duro para isso. Se nenhum antissemita quisesse apontar o dedo, estava tudo ok".

Quando questionado quem é Adolf Hitler, Nasser responde: "Hitler usou o seu poder para a destruição de todos os judeus e adversários políticos, igualmente. Para resolver o desastre econômico da Alemanha, ele pegou um bode expiatório: os judeus. Ele foi julgado por milhares de anos e está no lugar que merece: no inferno".

Encerrando seus e-mails sempre com a frase "Tenha uma grande vida", Nasser concluiu dizendo como seria

sua história caso o nazismo não tivesse ocorrido: "Hoje teria uma grande família. Andris, meu irmão, poderia ter sido um médico e eu um arquiteto..."

Hitler na Áustria

A pátria e o sentimento de nacionalismo são traços marcantes na cultura de qualquer país. Num mundo onde se exaltam os heróis nacionais, a Áustria carrega consigo o rótulo de local de nascimento de Hitler.

Para apresentar a maneira como é para um cidadão austríaco esta situação, o doutor Reinhold Wagnleitner, da Universidade de Salzburgo, revelou: "Oficialmente não há nenhum grupo nazista, mas isso não significa que não existam elementos marginais que aparecem ocasionalmente. Estamos conscientes de que Hitler era um austríaco e que temos de estar conscientes de suas políticas criminosas sempre".

Sobre como o nazismo se encontra hoje inserido dentro das escolas do país, Wagnleitner revela: "O nacional-socialismo é um grande problema histórico enfrentado na Áustria e tem uma cobertura nas escolas e nos meios de comunicação do país de maneira ampla".

"A II Guerra Mundial, para Polônia, não há absolutamente nenhuma consequência positiva, já negativas são muitas a mencionar"

Psicologia Social

Estar sem perspectiva de vida, carregando o fardo da culpa por uma guerra e vendo o seu país enriquecendo apenas para poucos - os judeus. Foi este cenário que Hitler encontrou para propagar toda sua ideologia.

Um dos mais renomados professores de psicologia das massas, Stephen Reicher é autor de diversos livros, entre eles "A Nova Psicologia da Liderança". Lecionando na Universidade de St Andrews (Reino Unido) de neurociência e psicologia, ele nos traça a questão do poder de liderança que tinha o líder dos nazistas: "Sobre Hitler, a questão é como ele veio a ser visto para o povo alemão. O que é fascinante é a forma como ele, sua biografia e até mesmo a sua personalidade foram todos construídos de forma que ele apareceu como a encarnação viva do "Alemão-ness". Isso foi em parte o seu próprio trabalho e em

parte a de Goebbels, que descreveu "O mito Hitler" como sua maior conquista. Uma vez que Hitler tornou-se 'Alemanha', então as pessoas poderiam transferir sua paixão para o grupo e também para o próprio Hitler. Quando ele falou para o grupo nos termos com os quais se definira, ele pode experimentar como falar com eles pessoalmente. Naturalmente, a maneira de fazer-se um símbolo do grupo depende da história, cultura e ideologia específicas desse grupo".

Campos de concentração

Muitos não gostam de falar do nazismo e falar sobre os temidos campos de concentração é algo ainda mais difícil. Comentar sobre o tema vem logo à cabeça as maneiras como milhares de pessoas foram mortas, sejam em câmaras de gás, campos de fuzilamento, etc.

Já outros, têm a missão de encarar diariamente este fato. São aqueles que trabalham nos campos de concentração, agora, transformados em museus e Centros de Memória.

Este é o caso de Kathrin Helldorfer, que trabalha atualmente no memorial do antigo campo de concentração de Flossenbürg (no mínimo 100 mil prisioneiros e 30 mil mortos)⁵⁶ como relações públicas do local. Ela conta não apenas alguns de seus sentimentos como também a sensação dos visitantes: "Cada visitante é diferente e, portanto, reage diferente. Isso acontece muito (sobre pessoas que foram prisioneiros neste campo de concentração visitarem o local). Ainda assim, temos muitos membros de família que estão procurando informações sobre seus familiares. Eu acho que os incidentes nos antigos campos de concentração são chocantes o suficiente. Nós tentamos não ser uma câmara de horror, mas sim trazer de volta as histórias individuais de pessoas que tiveram um sofrimento tão terrível aqui."

Dimitri Roden, historiador do atual memorial do campo de concentração Auffanglager Breendonk da Bélgica, fala não apenas qual é a situação no local onde trabalha, mas também o sentimento do nazismo no país: "Nazismo é rejeitado pela população belga, como é o caso da maioria dos países europeus. Todos os nossos visitantes ficam impressionados com a atmosfera e a história do acampamento. Apenas metade dos prisioneiros sobreviveu à guerra (1700 de 3500). A maioria morreu nos campos de concentração no Reich

⁵⁶ Holocaust,
<http://holocaust.cz/en/history/camps/flossenbuerg>.
Acessado em: 5 de outubro de 2012. Às 13h05

alemão, na prisão de Breendonk Auffanglager". Questionado qual o objetivo de transformar um campo de concentração em museu, Roden declara: "Mostrar os excessos de um regime totalitário".

O polonês Duskasz Myszała que trabalha no museu do antigo campo de concentração Majdanek, local de extermínio que matou por volta de 78 mil pessoas e onde o sobrevivente Stephen Nasser, entrevistado acima, foi preso, diz que o nazismo no país é rejeitado de uma maneira geral: "O nazismo como uma atividade política é proibida por lei, e está sendo fiscalizado pela polícia. A sociedade polonesa no total é contra o nazismo. Não há nazismo na Polônia de hoje. A II Guerra Mundial, para Polônia, não há absolutamente nenhuma consequência positiva, já negativas são muitas a mencionar".

Dirk Riedel, que trabalha no atual memorial do campo de concentração de Dachau, onde no mínimo 41,5 mil pessoas foram mortas e 200 mil presas, diz que o local é muito visitado por estudantes: "A concentração é dedicada à memória das vítimas. É também um local de trabalho acadêmico e educacional. A história do campo de concentração é o ponto focal. A compreensão desta história é transmitida, principalmente, através da perspectiva dos presos, sem, contudo, ignorar o contexto histórico, as estruturas e processos do terror nazista, bem como a história dos culpados. O objetivo é conseguir uma 'história integrada' que leve as perspectivas das vítimas e seu testemunho para ser inseparável da história global."

Como dado adicional, nenhum dos entrevistados acima respondeu sobre o que representa o nazismo e Hitler para eles. Além disso, não há nenhum descendente de nazistas ou judeus neste momento trabalhando em um desses campos de concentração.



O alemão

Quais são as consequências que o nazismo traz hoje para um alemão? Como é ver o nazismo 67 anos depois? Para tratar desses assuntos, falamos com Stephan Marks. PHD em História e diretor do projeto de pesquisa História e Memória, presidente da Memória e Aprendizagem e também presidente do Instituto de Freiburg de Educação em Direitos Humanos, além de autor e editor de 11 livros, dentre eles o livro *Warum folgten sie de Hitler? Die Psychologie des Nationalsozialismus* (Por que eles seguiram Hitler? A Psicologia do nazismo).

Marks faz um paralelo entre passado e presente de um povo marcado pelo nazismo.

"A grande maioria das pessoas têm atitudes críticas negativas na Alemanha para com o nazismo e estão conscientes sobre as atrocidades cometidas. No entanto, há um pequeno grupo de pessoas que negam os crimes e que tentam propagar nazismo. Além disso, há ainda um certo grau de antisemitismo sutil entre os alemães (talvez 10 ou 20 por cento). As consequências do nazismo são do povo alemão, é e sempre será identificado como o pior crime da história da humanidade. Alguns alemães consideram esta negativa (como um muito pesado "fardo" em ser alemão) - na minha opinião, esta é também uma responsabilidade, uma "chamada", eu poderia dizer, que nos desafia (alemães) a serem mais conscientes e respeitar a dignidade humana. Na minha opinião, muitos alemães não aceitam muito esta herança, ainda não".

Um dos fatores que chama a atenção entre aqueles que são descendentes de nazistas é o fato de algum deles optarem por não terem mais filhos, ou seja, fazerem a esterilização. Como é o caso de Bettina Goering e seu irmão, sobrinha-neta de Hermann Goering⁵⁷, o segundo homem mais poderoso do nazismo depois de Hitler.

A explicação daqueles que fizeram tal procedimento foi para que não houvesse mais descendentes na família

Questionamos Marks sobre este fato de esterilização e o mesmo, que se diz surpreso com a pergunta, declara: "Esta questão é uma surpresa para mim. Ele mostra que já alcançou uma compreensão muito boa do meu país. Minha opinião? Muitos membros da

⁵⁷ Correio do Brasil, <http://correiodobrasil.com.br/nazismo-filhos-e-netos-relatam-trauma-de-lidar-com-passado-sombrio-na-familia/>. Acessado em: 5 de outubro de 2012. Às 14h15.

minha "geração" (ou seja, alemães nascido na década ou mais após o fim da 2ª Guerra Mundial) fizeram essa vasectomia (inclusive eu). É difícil ter uma 'opinião' sobre isso, porque isso 'aconteceu'. Para muitos de minha geração isto parece ser bastante plausível. Sendo um alemão (em 1960 e 1970) é terrível, me sentia muito mal, então como eu posso fazer isso a um recém-nascido? No entanto (eu tenho 61 anos agora) me sinto diferente e muitos outros alemães também (portanto, os alemães não entrarão em extinção)".

Judeu residente na Alemanha

Viver num país onde muitos foram mortos e perseguidos pode não ser uma das tarefas mais fáceis para uma pessoa. Dos 500 à 550 mil judeus que existiam antes do nazismo⁵⁸, números do ano 2002 apontam hoje que sejam 100 mil⁵⁹ e outros falam de 200 mil.

Para contar como é ser judeu e viver na Alemanha, entrevistamos Max Privorozki, presidente da associação judaica de Halle, cidade do país: "Há alguns problemas entre judeus e alemães, mas acho que o relacionamento é ok. Não devemos esquecer que cerca de ¾ hoje da comunidade judaica na Alemanha são antigos judeus soviéticos, como eu. A maioria dos problemas não é entre judeus e alemães, mas sim judeus russos e alemães. Os alemães modernos não são responsáveis por nazistas 1933-1945. Eles são responsáveis pela não repetição desses eventos. E eles fazem (quase) o seu melhor. Há alguns grupos em todas as sociedades que apoiam o nazismo. Eu não gosto deles. É importante que as pessoas e o governo lutem contra esses grupos. E os alemães fazem isso".

"A maioria dos problemas não é entre judeus e alemães, mas sim judeus russos e alemães"

Educação na Alemanha

Seria impossível falar deste tema sem mencionar a questão da educação. Transmitir informações sobre o nazismo nas escolas alemãs poderia ser um grande desafio principalmente para os professores de História

Sobre a questão dentro da sala de aula, Ulrich Bongertmann, presidente da Associação de Professores de História da Alemanha, comenta como vem sendo trabalhado o tema nas escolas e as maiores dificuldades encontradas: "Estudantes judeus são um desafio pequeno, mas os estudantes palestinos e árabes rejeitam o tema do Holocausto, pois não é um tema que acham importante para si. No geral, está tudo bem. A comunidade judaica tem apenas 200 mil membros e a Alemanha tem 82 milhões de pessoas no total".

Bongertmann também nos deu acesso a um documento enviado para todos os professores de História da Alemanha, que são recomendações para o ensino de História Geral. Podemos citar algumas das sugestões: Falar sobre a biografia de Hitler, o darwinismo social, a ideologia nacionalista-racista, o antisemitismo, a ideologia do habitat, a propaganda nazista, o poder sedutor da ditadura, o culto a personalidade, os campos de extermínio, a eutanásia, experimentos humanos no campo de concentração de medicina, o trabalho forçado, os obstáculos para a vida judaica, etc. Além disso, recomenda-se o uso também da História oral e da internet para engrandecimento ainda mais do conhecimento sobre o assunto.

"Alguns alemães consideram esta negativa como um muito pesado 'fardo' em ser alemão"

Conclusão

Para esta pesquisa, foram enviados 198 e-mails tendo buscado entrevistar por volta de 180 pessoas. Destes, 14 pessoas aceitaram falar sobre este assunto. Muitos, alegando problemas particulares e outras dificuldades, declararam não ser possível a entrevista.

Com base em tudo que foi descrito acima, podemos concluir que o nazismo, apesar de ter ocorrido há 67 anos ainda é um fator de discussão atual. Explicar o sentimento em países que viveram tão fortemente e o que isto trouxe para estes povos na atualidade é de fato um grande desafio.

O que pensa e sente cada entrevistado pode não revelar o sentimento entre todos alemães, judeus,

⁵⁸ AFP Google, <http://afp.google.com/article/ALEqM5g228pNlf6Gu8P3ZfR3QhuPuZdfpg>.

⁵⁹ BBC Brasil, http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/021216_cr escentilmp.shtml.

austríacos, búlgaros, poloneses e outros povos, mas, sem a menor dúvida, seus pensamentos são compartilhados com pelo menos outros membros de cada sociedade. Apesar do nazismo não existir como forma de governo, existe em forma de pensamento. Sendo ele o repúdio, a vergonha, o temor, a negação e a fuga.

Jessica Corais: Graduanda em História pelas Faculdades Integradas Simonsen, repórter e membro fundadora da Gnarus Revista de História.

